

087

EXPOSIÇÃO A AGROTÓXICOS ORGANOCORADOS EM CAPELA DE SANTANA: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA? *Melissa B. Ambrosini, Daniela S. Marona, Bruno Lisboa, Sebastião Pinheiro, Regina R. Witt* (Departamento de Assistência e Orientação Profissional, Escola de Enfermagem, UFRGS).

A problemática da contaminação ambiental por agrotóxicos, principalmente organoclorados, é bastante conhecida. Embora banidos há algum tempo, seu uso clandestino, restos abandonados e estabilidade química, continuam sendo um problema ambiental. Em 1993, aproximadamente 1200 pessoas, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, acamparam em um depósito de agrotóxicos organoclorados abandonado e seus arredores, na Fazenda Capela. Os agrotóxicos organoclorados têm excelente absorção oral e respiratória, sendo que o Aldrin tem ótima absorção dérmica. Estes compostos dificilmente provocam intoxicações, sendo absorvidos e formando depósitos no tecido adiposo, órgãos e SNC provocando lesões crônicas a longo prazo. Muitos estudos verificam a correlação no aumento da incidência de câncer de fígado, rins, mamas e outros, com depósitos aumentados destes compostos no organismo. O objetivo desse estudo é a avaliação que vivem hoje nessa Fazenda – atualmente Assentamento Capela – quanto à: exposições ocupacionais ou contato com diversos tipos agrotóxicos, doenças passadas e atuais, hábitos (ingestão de álcool, fumo,...),... Para isto, será aplicado um questionário epidemiológico. Os dados obtidos serão analisados no programa EPI-INFO. Após esta etapa será feita coleta e análise de sangue de toda população que respondeu ao questionário. A quantificação dos resíduos no sangue será feita pelo método de cromatografia de fase gasosa. Os resultados obtidos no questionário serão confrontados com as taxas de metabólitos encontrados no sangue. Os portadores de danos serão encaminhados para tratamento e desintoxicação ao final do estudo.

088

A POSIÇÃO DOS FIÉIS A RESPEITO DA DOAÇÃO DE SANGUE E ÓRGÃOS. *Rafael M. Michell, Rodrigo C. C. Araújo, Cesar A. de Farias, Fernando D. Wallau, Paulino R. de Mello, Zulmira N. Borges, Daniela R. Knauth* (Departamento de Medicina Social, Faculdade de Medicina).

A regulamentação da lei referente à doação presumida de órgãos tem sido alvo de muita polêmica. Diversos setores da sociedade têm se manifestado a respeito, tanto no sentido de apoiar esta iniciativa quanto no sentido de mostrar aspectos negativos. O tema *doação de órgãos* desloca-se, dessa forma, do âmbito da medicina para o âmbito social. Um dos setores da esfera social que merece consideração nesta discussão é o religioso. Falar em *doação de órgãos* é falar também de questões relacionadas à morte e vida, domínios que tradicionalmente a esfera religiosa tem se ocupado. A primeira parte da pesquisa se dedicou a análise da posição dos líderes religiosos sobre os temas propostos. O presente trabalho, visa dar continuidade ao estudo anterior e tem por objetivo entender a atualização do discurso religioso na prática dos fiéis de diferentes denominações religiosas. Utilizou-se uma metodologia qualitativa com ênfase em entrevistas semi-estruturadas. Foram entrevistados no mínimo cinco fiéis de cada uma das religiões selecionadas, procurando sempre que possível buscar estes fiéis no local de atuação do líder religioso entrevistado. A análise preliminar dos dados indica que a maioria dos fiéis são favoráveis à doação de sangue e órgãos. Este gesto é visto como uma forma de expressar *amor ao próximo*, de fazer o bem. Apesar de posicionarem-se favoráveis às doações, grande parte dos fiéis entrevistados afirma desconhecer a posição da religião a respeito das doações de sangue e órgãos, embora acreditem que sua religião seja favorável. A partir das entrevistas realizadas podemos afirmar de forma preliminar, que a posição oficial da religião não influencia a posição pessoal adotada em relação às doações de sangue e órgãos. As pessoas tendem a orientar sua posição a partir de uma interpretação mais ampla da religião – *como a defesa do fazer o bem ao próximo* – não se preocupando com posições específicas a respeito desses temas. (PROPESQ-UFRGS; FAPERGS)

089

MORTE E APOSENTADORIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE TAXAS DE MORTALIDADE. *Roberto M. de Souza, Luiz E. F. Ulrich, Roberta Rossi, Maria F. R. Bravo, Rodrigo Marchiori, Suzana M. Seadi, Jacqueline A. Pinto, Eunice M. Bittencourt, Vera M. B. Ferreira e Suzana L. P. de Souza.*

O objetivo deste trabalho foi comparar a mortalidade de uma amostra de eletricitários aposentados com os dados gerais da população do Rio Grande do Sul. Foram obtidos dados das causas básicas de morte de 607 aposentados da CEEE, através dos registros de seus atestados de óbito, em 10 anos. Os dados do Rio Grande do Sul foram obtidos no Sistema DATASUS e referem-se a 1996. A mortalidade foi calculada apenas para a faixa etária correspondente. Os dados foram tratados no sistema EPI-INFO. Das 16 causas básicas levantadas quatro foram discordantes. Os eletricitários tiveram taxas de neoplasias e de doenças do aparelho circulatório acima da população. As doenças do aparelho respiratório e os sinais, sintomas e achados anormais foram inferiores na amostra estudada. A diferença evidenciada neste último item, que caracterizam quadros mórbidos não claramente identificados, podem evidenciar um melhor acesso à assistência à saúde (CEEE-Fundação CEEE).

090

090

A INFLUÊNCIA DO PERFIL SOCIAL NO CONHECIMENTO SOBRE OS MALEFÍCIOS DO FUMO. *Guilherme U. Eckert, Carlos F. Arend, Fernando Schuh, Gabriela P. C. Menezes, Karen R. Borges, João E. Herzog, Samuel Boschi, Tatiana S. G. Silva, Alexander W. Daudt, João C. Prolla* (Departamento de Medicina Interna, Faculdade de Medicina, UFRGS).

Objetivos: estudar o conhecimento sobre os malefícios do tabaco em pacientes internados no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, hospital-escola afiliado com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Métodos: estudo transversal e contemporâneo com 266 indivíduos. Resultados: sexo masculino apresentou não apenas uma prevalência maior de fumantes que o sexo feminino (27% vs. 13,8%), mas também uma quantidade maior de cigarros fumados por dia (123% mais) e resultados do questionário de dependência de Fagerstron mais elevados (45% maiores). Após cálculos de regressão logística, os fatores que mais se associaram com o conhecimento de patologias associadas ao cigarro foram nível educacional e social. Não completar o primeiro grau e ter uma renda familiar de até dois salários mínimos foram fatores de risco independentes para desconhecer que o tabagismo causa infarto e câncer de pulmão (p menor 0,05). Conclusão: esta informação pode ajudar os médicos a lidar com fumantes e melhorar a qualidade da prevenção primária em saúde. (PROPESQ, PIBIC/CNPQ)